

ENTREVISTA COM MARGARIDA

MORADORA E LIDERANÇA DO CONJUNTO FERNÃO DIAS

DATA:24/11/2021

LOCAL: ONLINE

PARTICIPANTES:

Giselle

Josiany

Margarida

Marlive (filha da Margarida)

Tiago

TAGS:

Dados Gerais

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de mobilização

Fase de projeto

Fase de obra

Pós-Ocupação

SIGLAS (em ordem de aparição):

PUC - Pontifícia Universidade Católica

Conversa sobre possibilidade de ir visitar a casa da Margarida e explicação sobre o livro que será feito a partir das entrevistas.

Josiany: Então, Margarida, só para dar uma contextualizada, assim, é você já tinha contado para a gente que você se envolveu através da reunião, né, com os núcleos e aí você ficou sabendo dessas reuniões como?

Margarida: Olha. é o bairro próximo, porque eu não sei se vocês conhecem o conjunto Confisco (?) né e o Urca. Essa reunião era realizada na Igreja Evangélica, na Igreja Quadrangular... ah, não me lembro o nome da Igreja não, mas é do Quadrangular, no bairro Urca. Aí eles me..

Margarida: Aí, eu comecei a participar. Eles falaram que o pessoal estava dando casa e eu foquei naquilo porque eu estava desesperada querendo uma casa né. E como eu não tinha dinheiro para poder comprar, aí eu comecei a participar, daí o coordenador dessa reunião me informou: "Olha, é demorado? É. Mas você vai conseguir se você não desistir." Assim, eu fiz, eu comecei a envolver

nesse reunião e não parei mais e não deixei nem os colegas também, que estavam, assim, meio desistindo, eu falei: "Não, não desiste não porque o coordenador disse que a gente pode insistir a participar dessa reunião porque saí casa, sim. Aí tá, a gente continuou na reunião até o fim. Eu praticamente, fiquei quase 21 anos, acompanhando essa reunião. Mas eu não desisti, e hoje eu estou nela. Entendeu? Então eu fiquei muito feliz por não ter desistido.

Josiany: Então, você morava antes era no Confisco?

Margarida: É, numa casa que é da minha cunhada. Ela me emprestou para mim morar lá, até eu conseguir a minha casa. Ela falou: "Até você comprar a sua casa" Até então eu não consegui dinheiro para comprar a casa, eu consegui ganhar a casa. Graças a Deus, estou aqui.

Josiany: E aí, quando você começou a entrar nesse processo do conjunto, qual era o seu papel na produção? Você era da coordenação...

[Fase de mobilização]

Margarida: Nada, eu só mesmo acompanhava a reunião, ouvia o que eles traziam para a gente que eles buscavam na prefeitura. Falando do que se tratava, da forma que seria, seria demorada e aí eu ficava ouvindo, chegava lá e só participava mesmo. Não tinha nada, assim, vínculo de fazer algo. Tinha algumas pessoas, mas eu devido a dificuldades de leituras de... para escrever, eu não fazia nada não. Só participava mesmo.

Giselle: Margaria, em relação a essa... as reuniões, o que era falado, assim, qual era o assunto que se discutia durante essas reuniões. Antes de começar, né, o processo mesmo.

Margarida: Antes, eles iniciavam com uma oração, né... e eu não vou lembrar assim muita coisa não porque assim... as coisas que eles buscam, falando para as pessoas não desistirem, as explicações de como seria as construções da casa, que não seria a gente que ia construir, que era doado. Eram vários processos... é... o que que eu tenho pra te falar? É... que eles não cobravam nada, que era do Governo, era assim coisas assim, vindo de lá. Então eu não sei explicar muito para você a respeito não. Mas era a questão dessa maneira que eles explicavam muita coisa. Era um período, assim, de no máximo, duas horas de reuniões lá com a gente, sabe?

Giselle: Entendi. Beleza.

Josiany: Com que frequência vocês faziam essas reuniões? Você lembra?

Margarida: Uma vez no mês.

Josiany: Ah tá, entendi. E aí quando foi pra fazer a divisão, por exemplo, para escolher quem ia para o conjunto Santa rosa, como que foi feita essa divisão, assim, essa seleção.

Margarida: Na época, deixa eu ver se eu me lembro de algum trequinho quando eles falaram que a gente não ia mais participar dessa reunião que era do bairro, que a gente ia acompanhar essas

peessoas da prefeitura que seriam os arquitetos né. E era também uma vez no mês, foi aí que a gente foi apresentado para eles, marcaram um dia né e a gente foi apresentado para eles e eles dividiram os núcleos, para onde que a gente ia, a gente começou fazendo lá na PUC, PUC Coração Eucarístico, aí depois ficou assim, indo para outros lugares que eles mesmos agendavam, que às vezes não tinha local certo para a gente estar frequentando e depois a gente veio aqui para a regional, o lugar que parece que a gente ficou mais tempo foi aqui na regional se eu não me engano, com os meninos. Aí foi aonde eles começaram o projeto de fazer os desenhos com a gente. Aí tinha várias explicações que hoje eu não lembro mais porque já tem muito tempo e eu não anotei nada também né, e... como se fosse a planta, eles explicando para a gente, e a gente fazia um dinâmica, assim, de pessoas para ver como seria o apartamento, de que formas a gente queria e ali, eles depois, que a gente foi para a PUC, foi até lá no centro da puc lá, fizeram uma dinâmica com a gente, assim, com lençóis, é... a forma que a gente queria o apartamento, quantos quartos... quem tinha dois filhos, quem tinha um casal, quem tinha só menino... de que forma a gente queria, o que a gente queria no nosso apartamento, qual era o nosso sonho. Então eles perguntavam para a gente e ia anotando as coisas que a gente queria... cada uma falava uma coisa. Aí nesse dia tinha ali a confraternização de lanche... é, todo mundo reunia ali, tinha o momento que a gente parava para lanche, depois a gente voltava para a dinâmica de novo, era um processo, assim, muito legal com eles. E eles anotavam tudo, anotavam, tiravam foto, tem foto da gente com eles. Hoje eu não lembro muito o nome de todos não. É, Marcelo, Mateus, acho que é Luis, ai tinha uma equipe boa.

Josiany: A gente conheceu o Marcelo.

Margarida: Conheceu o Marcelo né, eu também, gostei muito deles, eles foram muito gentis com a gente. Aí ele trouxe a gente, assim, mais pro finalzinho, ele trouxe a gente para conhecer esse lote aqui. E aí a gente, assim, foi uma emoção muito grande, ao mesmo tempo a gente ficou com medo porque o pessoal aqui da vila não queria aceitar a gente né. Mas, assim, depois eles viram que a gente, assim, seria uma pessoa igual a eles mesmo e acabou aproximando a gente e hoje tá tranquilo aí.

Giselle: É da vila próxima?

Margarida: Isso

Giselle: Hum... eu não lembrava de você ter falado isso para a gente não

Margarida: É. tem uma vila próxima aqui.

Giselle: Mas o pessoal fez manifestação? Como que foi isso?

[Fase Pós-ocupação]

Margarida: Olha, na hora que a gente chegou deu a parecer que eles não queriam que a gente fosse morar aqui. Aí reuniu bastante gente na rua, porque eu acho que eles ficaram preocupados da nossa chegada e logo depois que a gente mudou aqui, da construção já estar pronta, da gente já estar no local, a noite, eles faziam muita bagunça para ver se intimidava a gente, para ver se a gente ficava

com medo mas eles viram que a gente não ligou, deixamos eles na deles e hoje eles são amigos da gente também, sabe? Tem muita gente aqui...

Giselle: Margarida, para eu entender um pouquinho antes dessa questão do projeto, de vocês da igreja até esse momento de divisão lá com os arquitetos, como que foi a definição de quem iria, do pessoal da igreja para o pessoal que foi conversar com os arquitetos. Como foi essa transição?

Margarida: Teve uma votação, Teve uma votação de quem foi contemplado, tinha muitas pessoas que já tinham moradia e eles estavam participando, achando que iriam ganhar casa, mesmo tendo a sua própria moradia, Aí, teve um sorteio, teve a sindicância primeiro, que se eu não me engano, na minha casa, eu acho que foi quatro sindicância que teve para ter certeza se realmente a casa era da minha cunhada ou seria minha. Então não foi só a minha não, foi várias pessoas, assim.

Giselle: E essa sindicância quem fez foi o pessoal do núcleo, da coordenação do núcleo?

Margarida: Da coordenação, sim.

Giselle: Era a coordenação da Dona Zizinha? Foi isso?

Margarida: Sim, da Dona Zizinha [inaudível]

Giselle: Entendi.

Josiany: Aí a sindicância, o sorteio tudo eles que organizaram?

Margarida: Sim, tudo eles.

Josiany: Entendi, aí eles escolheram um grupo que ia para esse processo específico. E aí já era o Santa Rosa, já tinha um terreno, assim, para direcionar...

Margarida: Não, até então não tinha... Não, aí que é a parte, aí que é a parte, eu não me lembro se eles passaram essas informações para os meninos, né, os arquitetos... eu não me lembro direito, aí depois que eles reuniram com a gente, que eles começaram a levar essa informações, é... para onde a gente iria, escolheram vários lugares, porque tinha lugar que não era muito bom, a gente pegou a falou "não, vamos esperar mais um pouco". Aí, acabou eles conseguindo aqui para a gente. Mas essas informações aí, eu não me lembro não, como que foi... se ela já veio de lá com esse nome de Santa Rosa, ou se foi depois dos meninos... não, eu tenho certeza que foi depois com os meninos, entendeu? Porque lá não tinha esse nome não, entendeu?

Josiany: Entendi, e aí, esse grupo que foi para essas reuniões com os arquitetos se manteve o mesmo até o final ou aconteceu alguma mudança, alguma substituição?

Margarida: Não, não, se manteve até o final, manteve até o pessoal, todo mundo receber sua chave, conhecer aqui o local, até o final. Até então, me parece, eles estavam até certo momento na construção, aí depois eu acho que eles... não sei se eles saíram, porque eu não acompanhei aqui a

construção e me parece que foi uma outra empresa que entrou para coordenar aqui o restante que houve alguma mudança, mas houve sim. No caso, quando vocês forem vir aqui fazer a pesquisa com o grupo de moradores., eles vão explicar mais coisas para vocês, a respeito.

Tiago: Você lembra mais ou menos a época, Margarida, que vocês passaram para esse processo do projeto? Que vocês saíram do núcleo e foram para esse processo com os arquitetos, você lembra mais ou menos quando que foi?

[Fase de projeto]

Margarida: Olha, de cabeça assim eu não sei não, mas eu tenho certeza que tem alguma coisa anotada. [interrupção para conversa com a filha]. tem anotado alguma coisa ali, então por isso que eu falei que seria bom vocês filmarem, ver o projeto deles com a gente como foi, se tem alguma coisinha. Porque aí lá dentro vocês vão captar mais alguma coisa assim que deve ser bem importante para vocês, a forma que eles ajudam a gente, tá?

Josiany: Legal, mas o grupo de moradores, Margarida, que participou desde o início do processo, foi o mesmo, de... dos beneficiários..

Margarida: Ah, não, não. Dessa turma aí... aqui tem muitas pessoas que não, não estão mais aqui. Uns já faleceram, outros, antes de terminar a construção, faleceu, que quem continuou caminhando foi filhos, é... acho que sobrinho, alguma coisa assim, teve muita perda, tem muita gente diferente. Tem bastante gente aqui ainda dessa turma, mas também tem gente que não está aqui mais, já faleceu.

Giselle: E você estima, mais ou menos, quantos por cento das pessoas que iniciaram esse processo aí, do projeto, da construção que ainda estão.

Margarida: Não só da turma do Urca né, porque são vários núcleos?

Giselle: Isso

Margarida: Ah... se não me engano deve ter aqui da... dessa turma minha, se não me engano deve ter umas, umas oito pessoas ainda, dessa turma.

Giselle: Entendi. E eu lembro que quando a gente foi aí da última vez, a gente fez a reunião naquele apartamento que estava vago. Porque esses apartamentos estão vagos? Você sabe... tem uma desconfiança?

Margarida: Por isso que eu coloquei oito pessoas porque tem vários que não estão ali, tem ele, mas não moram no apartamento, imobiliou [?], é... uns falam que é por causa da mãe. Outros falam que é por causa do pai, ou por causa de alguém que não pode largar porque está cuidando, sabe? Tem um que foi para Ipatinga e o apartamento está fechado, a outra largou o apartamento porque conseguiu uma casa. É... esse, tem esse que nós reunimos lá, acho que ele veio e ficou só um período aí, que eu nem peguei porque eu vim muito depois, eu nem peguei ele aqui. Ele... eu acho

que ele deve ter ficado uns dois meses aqui, no máximo, morando. E depois não voltou mais, aí só de vez em quando que ele vem aqui para visitar e pagar o condomínio que ele vem. E tem o outro vizinho que cuida da mãe, que também não veio. Arrumou o apartamento, tudo bonitinho, mas também, não veio morar. Mas eles vem, parece que uma vez no mês aí.

Giselle: E são quantos apartamentos, mais ou menos, que estão vagos?

Margarida: Quatro.

Giselle: Quatro?! Então tá. Só para a gente ter uma noção.

Josiany: Mas isso no conjunto inteiro ou só no seu bloco?

Margarida: Só no meu bloco.

Giselle: Ah, só no seu bloco.

Josiany: Muitos né.

Margarida: É... nos de lá, eu não sei te explicar porque eu não entro lá né. mas aqui são aquele lá que vocês entraram, tem o outro do lado e os dois do rumo do meu prédio aqui, os primeiros andares que estão vazios também, os moradores não estão lá.

Giselle: E são quantos apartamentos no seu bloco?

Margarida: Ah... acho que aqui no quarto andar são 2... dá 16 né, se eu não me engano, é.

Giselle: 16, tá.

Josiany: 4 por andar e tem quatro andares ne

Margarida: Isso.

Giselle: Ah, beleza. Assim, dá para a gente uma noção de quanto, né, a proporção de quantos estão vagos. Ok. Aí, Josi, se você quiser retomar pra...

Josiany: E aí, sobre o terreno, Margarida, você sabe, assim, como que foi o processo para conseguir esse terreno aí? Se ele foi negociado, de que maneira, teve que ser comprado, se vocês puderam opinar na escolha, você até falou né, que tinha umas opções que vocês não gostaram muito e acabaram pedindo para trocar. Mas como que foi isso?

Margarida: Uai, se eu não me engano, na época essas opções que nós pedimos para trocar, nós estávamos ainda com o [inaudível]. Ele tinha falado uns locais que parece que não era muito bom, aí nós estávamos com o seu Itagório, não com os meninos. Aí os meninos olharam um outro, também, que eu não me lembro o local... não, não lembro... é aí eles falaram "Então, tá, então vamos

procurar outros” que é aonde que eles procuraram e encontraram esse terreno. Aqui, era uma fábrica de tijolos, me parece que esse terreno fazia parte da prefeitura, e parece que o dono, a pessoa que estava alocada aqui não queria sair. E eu acho que a prefeitura precisava que ele saísse, até então, essa é a... é algumas das que eu me lembro. Aí, eu acho que a prefeitura insistiu que ele saísse, que eles tinham construção para fazer aqui, né, [inaudível], isso já é com os meninos, no caso. Aí, eu não me lembro direito como é que era... eu lembro que tinha a fábrica, mas eu não cheguei a conversar com nenhuma das pessoas que estavam morando aqui não. Então a gente não teve esse acesso, quem teve acesso foram os meninos, e parece, até então, que eles não, não pagavam nada para a prefeitura e eles pediram e eles não quiseram sair. Então, eles falaram “Se não vai sair, a gente tem que entrar com um processo”, se não me engano. Aí eles, parece, que eles resolveram acatar lá, o pedido e saíram. Agora, a forma eu não sei te dizer... deles ter saído e depois a gente recebeu por notícia que tava liberado o terreno para construção nossa aqui do nosso apartamento. Mas, até então, não sei explicar muita coisa a respeito.

Josiany: Entendi. A assessoria, que eram os meninos, o Marcelo, que eles eram da Horizontes. É, quem escolheu essa assessoria, você dizer? Ou a informação já chegou que eram eles e pronto.

Margarida: É.. Eu não me lembro se teve votação também, mas não, mas eu acho que já chegou com eles falando que tinha, né, que era da prefeitura também, que a gente não iria pagar nada. Portanto, fez até a pergunta lá, se a gente ia pagar alguma coisa para eles... eles “Não, vocês não vão pagar nada” Então é tudo por conta da prefeitura... Então, eles eram por conta da prefeitura mesmo, era uma equipe deles, a equipe era até grande, sabe? Mas a gente não pagou nada.

Josiany: Entendi, é porque além dos arquitetos tinham outros tipos de profissionais, assim?

Margarida: Tinha, assistência social, tinha tudo... acompanhava.

Josiany: Beleza, e aí.. mais assim, sobre o projeto agora. Como que foi para iniciar, como eles capacitavam vocês, até para vocês terem mais familiaridade com o processo de projeto, com essa coisa de planta, para projetar assim. Que tipo de capacitação vocês receberam, ou não receberam. Tanto de projeto, quanto de obra. Conta para a gente como que foi isso.

[Fase de projeto]

Margarida: Essa capacitação como que é que você me faz essa pergunta?

Josiany: Qualquer tipo de dinâmica, ou de aula, curso que vocês tenham recebido, qualquer coisa assim.

[Sobreposição de vozes]

Tiago: Você falou, por exemplo, dessa dinâmica dos lençóis que vocês faziam, dessas coisas das plantas, coisas desse tipo. O que você lembra?

Margarida: Então, eu... primeiro a gente teve a reunião aqui na regional, depois eles combinaram com a gente para a gente ir para a PUC. Aí, lá na PUC que a gente fez essa dinâmica lá dos lençóis

para fazer divisão: quarto, cozinha, banheiro, essas coisas assim sabe? É uma forma que eu acho que eles acharam melhor de fazer com a gente E teve os tijolos também... eles... tem até umas fotinhas ali que eu separei para depois vocês tá olhando como que eles fez com a gente, os desenhos, mandava a gente desenhar e... isso tudo fazia primeiro um processo de uma reunião com a gente para depois a gente ir para lá executar essa dinâmica. Eu não sei se eu respondi corretamente a pergunta que vocês fizeram, mas eu acho que deu para vocês entenderem alguma coisa.

Josiany: É isso mesmo.

Giselle: E aí você falou da planta, por exemplo, vocês já sabiam ler planta. Porque a gente trabalha com isso, e quando a gente entra na escola, uma das primeiras coisas que a gente aprende é como que funciona, o que é parede, o que é porta... como que foi isso?

Margarida: Minha filha... você não tem noção... é porque tem muitas pessoas que eram espertas né. E tinham muitos que não, eu mesmo era uma delas que eu não era muito esperta, não, mas eu procurava focar muito e ficava cobrando deles, eu quero foto, eu quero isso... para depois eu ficar perguntando para outra pessoa. Portanto, eu guardei... tem cada papel aqui que vocês vão falar... Por que que eu guardei isso até hoje?. Mas tudo é medo de eu perder aquela energia, aquela coisa que a gente teve nos momentos de reunião, aquelas coisas assim sabe. Porque tinha coisas que eu não sabia, tinha que perguntar várias vezes para mim entender. Porque eu não fui uma pessoa [interrupção] não tive muito estudo para eu ter bastante conhecimento, mas algumas coisas: "Ah, aonde que vai ser porta? Aonde que vai ser banheiro?". Assim, daí pra cá eu já comecei a ter conhecimento, porque antes eu não tinha nenhum conhecimento da questão, a respeito, sabe? E com eles eu vim aprendendo bastante coisa. E vocês fizeram uma pergunta falando a respeito do curso. Sim, eles levaram vários cursos, teve muitas pessoas que fizeram curso... eu não porque não dava, porque eu tinha que trabalhar, filho pequeno, então eu não fiz nenhum curso nem nada. Mas teve muitas pessoas que chegaram a fazer sim, que eles levaram coisa lá: "Olha, quem quer fazer curso, em tal lugar assim, assim ,tá fazendo curso". Eles informavam também.

Josiany: Eles tipo davam uma indicação de um lugar que vocês podiam ir fazer... aí era de graça? Alguma coisa assim?

Margarida: É, de graça. Sim.

Josiany: Entendi, e para a obra em si? Porque vocês foram mutirantes, também, ajudaram... vocês tiveram alguma preparação nesse sentido?

[Fase de obra]

Margarida: Não, não fizemos nenhuma preparação. A gente veio, é, tinha assim, as reuniões, tinha celebrações, tinha... a Michele explicava muito para a gente qual era o risco né, o que que poderia acontecer se no caso, tivesse que entrar em obra... tinha que ter bota, tinha que ter luva, capacete. Explicava essas coisas das regras da obra, o que que tinha que tá usando. Então, a gente teve um período que a gente veio para cá, nessa obra, a gente não tinha esses itens aí que a gente precisava

de usar não, aí falaram “Então vocês não vão trabalhar na obra, mas vocês vão, por causa de prego essas coisas assim, né, vocês vão trabalhar no bazar”. Por que fez bazar, aí tinha uma equipe que mexia... que fazia comida né, todo mundo levava, montava o almoço ali, uma mesa de almoço, tudo organizado direitinho. Então tinha uma turma que estava no bazar e tinha uma turma que estava com comida ou lanche, que seja. Aí a gente ficou esse período de fora. Aí teve um período que a gente começou, sim, a gente carregava tijolos, carregava areia, então todos que vieram participar... mas aqui já tava sobrecarregando muito gente, devido a que a gente trabalhava e chegava aos domingos e gente tinha que estar carregando... fazendo esses pesos aí, então tava sendo muito ruim para a gente, aí eles mesmos conseguiram entrar em contato com uma empresa que eu não sei te explicar também, que com certeza quando vocês forem fazer pesquisa com outra pessoa eles vão te explicar melhor, é... a gente... como eu falo gente?... ah, vamos deixar que a pessoa te explique depois quando vocês vierem fazer outra entrevista porque eu não vou saber explicar direitinho né... é, a respeito. Mas até então eu ficava tranquilo, de boa, tudo que eles falavam para a gente fazer eu tava ali fazendo, participava, não faltava, se não desse para mim vir, meu esposo vinha, sabe? Mas assim, para mim foi tudo de bom, os meninos foram excelentes, eles davam muita atenção para a gente. Explicava, eu que não guardei muita coisa, porque a cabeça aqui, né, não guardou muita coisa, mas assim, eu tenho um pouco de lembrança ali deles, das coisas que eles fizeram com a gente, então...

Tiago: Mas vocês acham que as opiniões que vocês davam, essas conversas que vocês tinham, do pessoal como um todo, vocês acham que o projeto deles conseguiu atender no fim das contas?

Margarida: Sim, principalmente, com os meninos, teve coisa que a gente pediu, que a gente falava assim, no projeto que eles vinham fazer no apartamento, igual por exemplo, teve uma cobrança assim: nós tava “Ah, eu quero três quartos” e outro “Ah eu também quero três quartos”... “Ah, eu quero dois”... porque, era aquela coisa assim, mas eu sei que quando chegou até a prefeitura, eles falaram gente, eu quero fazer uma pergunta para vocês, como que nós vamos construir esse prédio, com três quartos com dois quartos, com três quartos, com dois quartos. Vocês acham que isso vai funcionar, vocês não acham que o prédio pode cair não? Aí... tinha essas brincadeiras com a gente que a gente não podia... tinha que ser igual, tudo padrão.

Giselle: Quem te falou isso?

Margarida: Diz que é na prefeitura, a notícia chegou para a gente que seria na prefeitura que falou... não teria como fazer o prédio construído... fazendo... vamos supor que eu queria com três quartos, o vizinho de cima queria com dois, o outro queria com três, então eles falaram que não tinha como funcionar dessa forma.

Giselle: E modificou então? Porque o projeto dos meninos, a gente chegou a pegar, ele é exatamente isso, assim, tem uma variação... tinha apartamento diferente no térreo, o primeiro andar era diferente do segundo e do terceiro e lá em cima tinha,, parece que uma varanda... Era diferente. Aí mudou na prefeitura?

Margarida: Mudou, portanto nós aqui... tudo é com dois quartos... tudo igual, a cozinha ali é um [inaudível], que quando vocês for vim vocês podem filmar, podem até filmar. Você vai entrar aqui...

no meu aqui, aí você vai tirar a base de todos aqui, de menos o do fundo lá, porque lá do fundo é... me parece que tem um corredor, tem a área separada, não é igual o nosso. O nosso aqui é um L, a cozinha com a área, sabe. E, eles sempre falavam> olha gente, como que vocês podem pedir um apartamento... Aí eles faziam, puxavam bem a mente da gente, para ver se a gente realmente tava entendendo o que eles estavam passando para a gente. Vocês vão querer que o sol bate dentro da casa de vocês de que forma: No quarto, na sala, na cozinha, na área? Como que vocês querem? Eles pressionavam bastante mesmo sabe? Como se fosse uma aula... puxava bem a mente da gente. Então, aí a gente foi aprendendo bastante coisa com eles, era muito bom mesmo E em questão lá do prédio lá do fundo. É totalmente diferente dos nossos aqui da frente.

Giselle: E nessa mudança, quando chegou na prefeitura e a prefeitura questionou essa questão assim: "AH, não vai dar pra fazer, cada apartamento é diferente" Qual que foi a reação de vocês que participaram do projeto com os meninos, com o Marcelo... com a equipe de arquitetos, dessa mudança. Vocês aceitaram, como é isso? Pra vocês foi ok ou não tinha muita opção?

Margarida: Não, nós estávamos desesperados porque a gente falou não, não tem como mudar, não tem como fazer nada, porque se nós estamos ganhando, então nós não [?]. Eles falaram que não podia ser de três quartos e acabou ficando mesmo. A passarela ficou, que a passarela foi ideia [inaudível], desse daqui né, do fundo lá também é mudado, porque eles queriam o prédio já ligado, não é igual o da gente que quando vocês vierem aqui vocês vão reparar que é diferente, se vocês já viu, vocês viram que é diferente, o do fundo lá todo inteiriço e o daqui é... e aí alguma pessoas questionaram, mas fazer o que? A gente estava desesperado, a gente tava doido querendo nosso apartamento e tinha gente que estava no sufoco, já estava perto de ser despejado, outros moravam em área de risco. Igual no meu caso, não, eu morava numa casa, eu estava tranquila, o lugar é bom, mas, assim, mas tinha outras pessoas que estavam no sufoco. Então acho que foi aí o motivo da gente não ter dado grito né, falado assim, que a gente queria um com três quartos... Agora o nosso caso aqui, o meu, eu fiquei até triste porque eu queria um quarto só para a minha filha mas fazer o que? Nós estávamos ganhando, a gente não pagou nada, então... a gente ficou muito satisfeito.

Giselle: Isso que era uma coisa que eu queria entender, Margarida, Você falando que sempre eles falaram que não iria ser cobrado, eu não sei exatamente aí no santa rosa como que acabou funcionando depois, mas no geral, esses conjuntos que a gente está fazendo a pesquisa, eles são financiados, assim, os moradores eles pagam um financiamento durante, acho, que vinte anos de uma parcela que é até pequena, mas isso é cobrado pela prefeitura. Isso foi acordado com vocês, que teria essa parcela?

Margarida: Sim, isso foi tá no contrato que a gente... vamos pagar, mas até hoje ninguém... não não e agente assinou esse contrato com a caixa né, que depois a prefeitura parece que passou essa parte aí para a caixa, a gente assinou o contrato com a caixa e até hoje a gente não pagou. Estamos aqui aguardando...

Filha da Margarida: De acordo com o advogado, a gente não vai pagar porque a dívida já prescreveu.

Giselle: Ah, entendi.

Margarida: De acordo com o advogado, eles falaram que essa dívida é devido ao tempo que nós já estamos aqui, já prescreveu que a gente não precisa pagar. Isso é informação do advogado porque eu não tenho ciência de nada disso, mas é a fala dele.

Giselle: E o advogado é só de vocês ou é do conjunto? É do grupo de pessoas?

Margarida: Olha, foi do conjunto. Não só nosso não, é do conjunto, até a síndica geral que é daqui que arrumou esse advogado.

Giselle: Entendi.

Margarida: Porque a gente precisa né, a gente precisa da documentação do apartamento. E aqui até hoje nós tamo falando que é nosso, mas a gente não tem nada para provar para vocês que o apartamento é da gente. Nós temos como provar que a gente paga condomínio, a gente tem o recibo né. Mas se caso, aconteça algo, nós não temos como provar nada.

Giselle: Vocês têm esse contrato com a Caixa, mas que ainda, supostamente, não foi iniciado porque a caixa nunca cobrou? Isso que você está dizendo? E aí o advogado alega que agora, porque passou muito tempo, vocês já tem o direito de propriedade, porque vocês moram aí há muito tempo e ninguém cobrou.

Margarida: Isso: Assim, ele disse.

Giselle: Tá bom, bacana. Só pra gente entender melhor esse contexto, porque isso aconteceu em outros conjuntos também, do pessoal não cobrar e aí a gente queria entender se no santa rosa era igual. Aí agora tá mais claro.

Margarida: Mas vocês não deixam de buscar mais notícia aqui não, porque tem muitas pessoas que estão indo em busca além, então vocês devem procurar mais pessoas... pesquisar sim,,, tem a Marcia que eu não sei se na lista de telefone daquele dia, eu não sei se vocês anotaram o nome da Marcia, da dona Mariinha, acho que tem a Denise, que a Denise também... a Denise não participou, mas tem uma pessoa chamada Denise que ela era síndica daqui e foi até ela que acionou esse advogado para estar olhando isso, porque ela estava desesperada querendo saber se vai ou não vai vim essas documentações para a gente poder tá pagando. então esse advogado, vai e fala isso... Vamos estar aguardando ai pra ver o que que vai ser resolvido da nossa questão.

Josiany: Voltando naquelas histórias das modificações, do projeto e tal. teve mais algum outro caso de alguma coisa que vocês pediram para mudar e foi acatado, ou não foi... se teve algum conflito, assim, de alguma coisa que vocês queriam que tivesse sido diferente e aí ou a prefeitura mudou ou... esse tipo de coisa assim, ou alguma coisa que deu certo, que vocês opinaram e realmente aconteceu.

[Fase de projeto]

Margarida: Olha, eu me lembro da entrada ali que a gente queria uma entrada com uma varandinha que eu me lembro que parece que não foi acatada essa entrada. Tipo assim, por exemplo, a gente chegar e não ficar na chuva a pessoa né, chegar ali e não ficar na chuva. Acho que isso aí não foi respondido para a gente, parece que não podia. É... uma lixeira maior lá fora também porque eu acho que não foi possível. Então teve umas coisinhas, teve mais coisas mas eu não me lembro, que alguém com certeza vai falar para vocês.. a respeito. Porque a medida que voc~e for entrando aqui você vai focando mais nas pessoas, vai conversando aí com elas, você vai descobrindo mais coisas. Porque tem coisa aqui que eu não estou lembrando, mas na medida que vocês forem focando aqui dentro vocês vão conseguir mais coisas. Essas duas coisas aí eu lembro que eles não fizeram o que a gente queria.

Josiany: E na hora de tomar decisão, vocês faziam uma votação... ou era na conversa. Como que era?

Margarida: Não, conversava né, eles traziam para a gente o assunto, ali era conversado e depois era votado. Até hoje é votada as coisas aqui quando vai fazer.

Josiany: Mas mesmo decisão de projeto vocês também votavam?

Margarida: Votava. Sim.

Josiany: Legal. E aí quando começou a obra como que vocês se organizavam para trabalhar na obra? Vocês iam todo domingo né, que você falou, por um tempo, mas como que era? Vocês se dividiam em grupo? Quem coordenava isso? Como que era?

[Fase de obra]

Margarida: É a Michele que estava sempre com a gente, a Michele nunca deixou assim, a gente não sabe. Até pouco tempo a Michele, Antonio, Dona Zizinha, eles estavam sempre com a gente. Teve uma outra pessoa também que faleceu, que eu esqueci o nome dela... ela também estava, ela... da coordenação da dona zizinha né e ela acompanhava a gente. Então eles que davam a ordem para a gente: "Olha, vamos fazer isso" Tinha uma equipe deles que comandavam a gente: "Vamos fazer isso, vocês tem que querer, vocês tem que gostar porque isso é para vocês" Então, eles estavam ali à frente da gente. Coisa da prefeitura e tudo.

Josiany: E aí era no próprio... no dia vocês chegavam e ai.. [inaudível]

Margarida: Aí fazia uma reuniãozinha ali e aí dividia.

Josiany: Entendi. E os idosos, quem tinha alguma dificuldade para fazer um trabalho mais pesado, como que era?

Margarida: É, ficava com a organização de lanche, as vezes tinha algum prego, alguma coisa que não estava no lugar, que via e ia pegar ou mandar alguém pegar, até uma pessoa levar "olha, você agacha ali e pega porque é perigoso, não pode" ficava nesse base assim, sabe, de organizar vasilhas,

lanches, roupas lá no bazar, era umas coisas assim, as coisas que eles não podia fazer, mas podia pedir para alguém fazer, entendeu?

Josiany: Você sabe se algum... teve algum morador que foi contratado para... remunerado mesmo para trabalhar na obra? Durante a semana, alguém que já tinha familiaridade com o serviço, alguma coisa do tipo?]

Margarida: Olha, eu sei que foi convocado sim, mas eu não me lembro das pessoas, aqui tem uma senhora que mora aqui no mesmo lado que eu moro ele vinha várias vezes para ta acompanhando as pessoas que estavam na obra. mas eu não me lembro quem é que foi contratado para estar trabalhando junto mesmo, no dia a dia, porque eu acho que todos trabalhavam, se eu não me engano, aí não tinha como. Aí, tinha uma pessoa contratada para vir aos domingos. Sábado e domingo pode ir lá? Vai lá, dá uma vistoria na obra para ver como que tá se não esta desperdiçando materiais, era essas coisas assim, mas eu mesma nunca vim, porque não tinha como eu vir. mas aí eu não me lembro se chegou a ser alguém contratado, mas assim... foi colocada para a pessoa estar vindo fazer a visita na obra e para ver se nao estava sendo desperdiçado os materiais que eram fornecidos aqui. Mas acho que eles deram oportunidade sim.

Josiany: Mas a maioria já tinha outro emprego, né. E vocês tinham alguma relação direta, vocês moradores, com o pessoal da prefeitura ou com o pessoal da caixa?

Margarida: Olha, tem algumas pessoas que tem, eu nunca tive, mas tem muitas pessoas aqui que tem relação até hoje, que às vezes tem algumas reuniões que eles procuram ir até para participar dessas reuniões que tem lá na prefeitura. Ela mora até no outro conjunto no fundo lá, ela não deixa de ir. Acho que, se não me engano,tem umas três ou quatro pessoas aqui que fazem parte dessas reuniões ainda até hoje, na prefeitura, na caixa não mas na prefeitura, sim.

Josiany: Mas mesmo o pessoal da prefeitura que, por exemplo, acompanhava vocês aí. Esse pessoal, a relação de vocês com eles era tranquila, tinha algum conflito, como que era?

Margarida: Não, era tranquila. Só tinha alguns conflitos mas eram momentos que eles davam uma ordem e a pessoas, às vezes, não queria acatar aquela ordem, mas acabava cedendo né, tinha que ser executado mesmo, mas eles tinham pulso firme: "Não tem que ser assim e vai ser desse jeito". E nós não podemos mudar, então eles vinham com a ordem da prefeitura e do jeito que eles vinham tinha que passar pra gente, né? Aí tinha pessoas que às vezes não queria acatar aquilo, mas acabava cedendo.

Josiany: E dentro da própria associação... a coordenação da associação com o resto do pessoal, como que era a relação?

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Margarida: Ah, lá às vezes... tinha que, também, a mesma coisa, tinha vezes que eles tinham pulso firme também, porque tinha gente que era difícil. O ser humano hoje é complicado né. Mas eles tinham que ter pulso firme também, mas é... no mais, era mais tranquilo mesmo, de vez em quando

que tinha um pra apelar, que tava demorando, queria as coisas depressa, mas não era assim que funciona, né. Então, era tranquilo também.

Josiany: Teve algum momento de atraso da obra, que ela ficou parada por algum motivo, por alguma coisa assim?

Margarida: Olha, eu não vou saber te informar direitinho não, mas eu vou tentar alguma coisinha. Eu me lembro que a gente veio aqui, tinha feito umas tubulações diferentes aqui, e me parece que eles proibiram... eles tiveram aqui e embargaram essas tubulações, falou que não estava correta e tinha que ser de outra forma, aí esses tubulões ficaram abertos um bom tempo, depois que eles fecharam. Foi um período aí que aí demorou um pouco, mas tirando isso é... eu não vou saber te explicar mas eu tenho certeza que alguém aqui vai saber explicar isso pra vocês, mas.. aí foi o período que demorou, ficou um bom tempo parada a obra, mas eu não sei te explicar a respeito, mas teve um erro aí que não deu certo as tubulações que eles tinham feito, ficou um bom tempo abertas, aí tava enchendo de mato, chovia, tava uma coisa complicada que tava tendo aí. E eu não vou saber te explicar direitinho a respeito, eu me lembro que teve isso.

Josiany: Tranquilo. E vocês tiveram alguma formação para além da coisa de fazer o projeto, da obra, uma formação política?

Margarida: Olha, até então, quando o senhor Itogório começou a fazer esse reuniões, ele colocou, falando que era coisa do lula, que ele tava dando casa para as pessoas, aí logo depois aí começou a vir a prefeitura, foi envolvendo outros órgãos no meio, aí eles falavam: "não, não tem nada a ver com lula" mas acabou sendo que eles falaram que é sim, que era doações essas casa geminadas, essas coisas, assim, era tudo doações dele, e diz que o nosso também estava envolvido, então eu não sei te falar se é verdade, mas foi comentado.

Josiany: E agora a gente já tá indo pro final também, para não ocupar muito o seu tempo, você falou que podia ir até 15:15, né? Aí a gente quer saber um pouquinho... depois que vocês pegaram a chave, assim, vocês continuaram tendo algum acompanhamento da assessoria técnica, da prefeitura, alguma coisa?

[Fase pós-ocupação]

Margarida: Sim, ficou um bom tempo aí, eles vinham, às vezes para fazer reuniões aqui, porque o pessoal era muito briguento, né. Aí o pessoal tinha que vir né, para estar ainda fazendo a reunião, acompanhando a forma que fazia a reunião, não podia ser só um número de pessoas, tinha que estar "x" (?), porque aqui é 50 famílias, aí eles falavam "tem que estar mais do que a metade para estar reunindo todos, para estar votando, porque não era só "x" pessoas que podiam votar, que aqui não era só "x" eram 50. Então, eles ficaram um bom tempo acompanhando para estar fazendo o povo ficar um pouquinho mais em pé, aprendendo direitinho como fazia reunião, como que seria síndica, subsíndico, explicando toda a forma de ser... qual era o regimento do condomínio, como que... a forma de agir a forma de trabalhar com o condomínio.

Giselle: Quem fazia isso, depois da obra concluída, era da prefeitura ou era o pessoal da assessoria?

Margarida: Não, era o pessoal da assessoria, o pessoal que... às vezes até vinha a assessoria com um da caixa e... é, isso mesmo.

Giselle; E era o pessoal do seu Itagório, da Michele?

Margarida: Não, o seu Itagório, eu acho que só veio uma vez aqui, só uma vez que ele veio, sabe? A turma da Michele, da Michela, Dona Zizinha, Antônia, era uma equipe grande. Aí quando não podia vir eles todos e uma pessoa da caixa, aí vinha pelo menos três, vinham três pessoas e todas as coisas que eram informadas aqui, que eles tinham passado para a gente, eles traziam para a gente e levava da gente para eles.

Giselle: Só para entender quem era a Michele no grupo. Ela era da coordenação né, então?

Margarida: Sim, sim. Ela é também assistente social, se eu não me engano né?

Giselle: Ah entendi. A gente não sabe.

Margarida: Não sei se ela é assistente social, mas eu acho que é, não sei te explicar direito não, mas a Michele, sim, ela era da frente. Ela, dona Zizinha, Antonia.

Giselle: Antônia de Pádua né?

Margarida: Uhum.

Josiany: Aí, hoje em dia, vocês se organizam dessa forma mesmo, você acha que funciona? Que todas essas reuniões foram efetivas para vocês continuarem se organizando, tomarem as decisões coletivamente, como que é essa história?

Margarida: Aqui no nosso prédio, tem um bom tempo que... cada prédio tem o seu síndico, aí eles tem que reunir os moradores para estar passando as informações do nosso prédio e quando é geral, o síndico geral tem que estar reunindo todo mundo, de todo o conjunto. Mas aí, acontece, mas assim entre aspas, porque tem pessoas que querem e outras não querem, então não é todo mundo que junta mais, meio complicado, tem muito morador aqui que não aceita as regras. Porque tem que ter regra senão vira bagunça, então aí acaba querendo, como diz o outro "jogar pedra" no síndico né mas é coisa que eles tem que entender que tem que ter regra, e regra tem que ser seguida. Isso está em documento, está em ata lá, né, e às vezes eles não querem aceitar isso. Tem muitos aqui ainda que não aceitam não, mas tá indo, tá mais calminha agora, graças a Deus.

Josiany: Entendi. Mas em termos de movimento social, alguém ainda permanece ativo nesses movimentos? Você participou ainda de mais alguma coisa depois?

Margarida: Não, eu não... eu só mesmo aqui, dentro aqui do condomínio, não saí, mas tem morador aqui que participa sim, que sai, que às vezes na prefeitura tem reunião, "Ah, eu to indo na reunião" ela até convida, mas eu nunca fui. Eu nunca fui porque não dá para mim. Teve um período que eu estava estudando que eu precisava de estudar, buscar um pouquinho para mim também, né. E hoje,

eu trabalho que não dá pra mim poder. Durante o dia eu tenho que dormir e à noite eu tenho que trabalhar. Então eu não participo. Dia de reunião, eu só mesmo vou lá, participo da reunião e volto embora, para fora eu não saio.

Josiany: Mas vocês conseguiram conquistar mais alguma coisa aí para a região ou para o conjunto? Alguma coisa que vocês queriam que fosse construído ou modificado coletivamente... mais alguma coisa depois da entrega das chaves?

Margarida: Olha, para nós aqui no nosso conjunto, não mas vizinho aqui, foi a UMEI né, tem a UMEI, que foi construída aqui, no lote aqui também, que a gente tinha muito medo do lote que era vazio e eles tinham pedido uma quadra, mas a quadra não foi para frente não. Até então... [interrupção] Mas, até então, foi falado na época, que iria sair essa quadra. A minha filha está dizendo que tem a quadra mas aí eu não sei, é do lado da UMEI, eu sei que a UMEI foi construída, aqui bem pertinho mesmo que a gente pediu por causa, né, muitas mães trabalham, as crianças são pequenas então, eu sei que a UMEI [inaudível].

Josiany: Então vocês consideram essa UMEI uma conquista que vocês se mobilizaram para poder...

Margarida: Sim, só nós... não só nós aqui como a turma aqui da vila aqui que também lutou bastante.

Josiany: Entendi. E na sua casa aí você realizou alguma modificação depois, alguma reforma? Ou alguma coisa que você gostaria de fazer ainda?

Margarida: Eu, assim, em questão de parede não, né, a gente tem o sonho da gente realizar aqui. Eu fui uma das moradoras, praticamente a última vir, porque era meu sonho, eu queria minha casa arrumada, aí eu peguei falei "ah, vou lutar" comecei a trabalhar mesmo, desembestadamente para mim conseguir dinheiro para mim poder realizar o que eu queria aqui. Que era colocar um piso diferente, aqui tinha uma parte da cozinha ali que tinha outra não, eu queria armário, cerâmicas, essas coisas assim, que eu queria colocar de diferente na minha cozinha e o piso da casa, portanto, tem coisa ainda que eu to sem fazer, que eu não terminei ainda. Mas eu fui a última a vir, eu tive que pagar... arrumar dinheiro do pedreiro para estar, aí sabe? eu peguei e foi aí que eu demorei a vir porque eu queria fazer uma coisinha que me agradasse, que eu ia entrar para dentro da minha casa e poder, assim, ser muito feliz e graças a Deus, eu tô feliz com o que eu já consegui e vou conseguir mais se Deus quiser.

Josiany: Mas aí você considera que esse processo todo que vocês passaram, da autogestão, teve um impacto, tanto na sua vida pessoal, tanto na convivência coletiva do conjunto? Qual que é a sua avaliação disso?

Margarida: Olha, se com o conjunto... com as pessoas, os moradores aqui?

Josiany: É, tanto com a convivência com as outras pessoas, a convivência geral ou na sua vida pessoal, na vida pessoal de alguém.

Giselle: Margarida, só para esclarecer assim, o que a gente quer entender é se essas reuniões, esse processo todo que vocês discutiam, desde lá da Igreja, até essa discussão depois com os arquitetos, com o pessoal da Michele, se esse processo de vocês estarem sempre reunindo, se isso, de alguma maneira, você avalia que teve um impacto na sua vida pessoal e na forma como vocês lidam em conjunto, por exemplo, se tivesse sido diferente como é normalmente, que a chave é entregue e pronto, vocês não participam de reuniões... tem muito programa de prefeitura que é assim, as pessoas só recebem a chave, mas não tem uma conversa anterior. Se você acha que esse processo, ele de alguma maneira, contribuiu ou não, ou se dificultou essa permanência de vocês no conjunto, sua vida, se você tirou algum proveito disso.

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Margarida: Ah, sim. Não, teve muita coisa boa, igual, por exemplo, tem uma... eu, por exemplo, eu expliquei para vocês que eu não vou nessas reuniões, mas assim, o proveito que eu tenho é que eu to bem, que eu to tranquila aqui né, de ter adquirido o apartamento, eu achei que seria do jeito que nós era lá fora. Aqui dentro é diferente, totalmente diferente, porque nem todo mundo é igual, tem diferença muito grande e assim, a gente não tem aquela convívio do jeito que era lá não, a gente... um "oi", "bom dia", "boa tarde" nos dias das reuniões que são feitas, se tiver de conversar tem alguns que a gente tem um convívio, ainda, para a gente poder parar, conversar, bater papo. Mas tem uns que é "oi" e "tchau", entendeu? E, assim, as coisas boas que eu tenho para falar é de eu ter minha moradia, que eu tô bem graças a deus, estou aqui tranquila né, eu não tive nenhum problema com ninguém, mas eu vejo que tem alguém que tem problema um com outro aí que isso é uma coisa que eu acho muito triste de ver os... alguns dos moradores não ter um convívio legal.

Giselle: E por que que você acha que teve essa mudança de quando vocês estavam lá nas reuniões e agora no conjunto depois de entregue as chaves, por que você acha que foi tão diferente esse convívio, por exemplo?

Margarida: Olha, eu não sei porque, eu me acho, assim, eu não mudei, mas tem muitas pessoas que mudaram que acham, assim, que você é melhor do que eu, sim, pode até ser, mas eu acho que isso não faz parte da vida da gente não. Hoje você está, amanhã você pode não estar, então, eu coloco sempre para as pessoas que eu converso com ela, porque eles... [inaudível] se sentem melhor do que o outro ou tem uma coisinha melhor do que o outro e aí, isso é muito triste sabe, que tem hora que eu fico olhando aí, devido dos moradores que tem e a gente fica meio... um pouco até triste de a gente ver que tem uma senhorinha aqui que ela fica reclamando, hoje mesmo eu fui pagar o condomínio, ela reclamou, sabe? Eu falei com ela que não... que não era para ela deixar essas coisas atingir ela, mas é meio difícil a gente falar isso e entrar né, porque ela já tá bem de idade e ela já tá muito chateada, devido a muitas coisas que acontecem. É por causa do condomínio mesmo, sabe e... é triste, né, mas fazer o que? A gente não pode mudar as pessoas.

Giselle: Ah, entendi. Acho que já está quase acabando né Josi?

Josiany: É, tinha uma pergunta que eu acho que é legal de fazer, é como que se dá a relação com os filhos, se participaram do processo ou que vieram depois, o que que eles sabem da história, como é a relação dos próprios filhos com o conjunto aí.

Giselle: Sua filha tá aí do lado né.

Margarida: Tá, é até bom que depois eu vou passar para ela para vocês darem uma palavrinha com ela também, porque ela vai falar alguma coisa. Eu não vou falar por ela não, vou deixar para ela falar né, das conquistas, das coisas que ela já passou. Vocês fazem essa pergunta para ela, eu vou passar para ela, mas é... teve assim, os filhos, né, que já estavam com os pais, que presenciou, igual ela presenciou, ela acompanhou, meu filho nunca foi, mas ele sabia do que eu estava fazendo e ela.. "Não vou morar em apartamento, eu não quero morar em apartamento porque eu gosto de morar em casa, porque eu gosto de ouvir as minhas músicas altas, e eu não vou" E acabou vindo e ficou feliz, ficou até pouco tempo agora, que ele casou e acabou comprando um apartamento também... para quem não ia morar em apartamento, acabou comprando um apartamento. E a minha filha tá aqui comigo e ela tá bem também. O sonho dela é comprar um apartamento, porque todo mundo quer um apartamento porque eu acho que é até um segurança para a gente, né. E devido os outros filhos, tem uns que se comportam bem, outras é meio também, assim, acompanhado pela mãe e por aí vai. Mas tá indo controlando. Mas devido a meus filhos nunca tive problema aqui no condomínio com ninguém, convivo com todo mundo, num momento que dá para a gente brincar né, que a gente encontra a gente brinca um pouquinho, mas dá. E, assim, meus filhos também, entra e sai, não teve problema com ninguém e tá indo convivendo, graças a Deus, ela também tá trabalhando agora e tá todo mundo bem. Eu não tenho nada a reclamar, só assim, a gente vê as coisas acontecerem, mas tirando isso tá tudo ok para mim. Tá tudo ótimo. Vocês vão querer falar mais um pouquinho comigo ou vão querer falar com a minha filha?

Giselle: Acho que tem só uma pergunta para você, assim, se você percebeu dificuldades nesse processo. Você falou que demorou muito tempo do início lá das reuniões na Igreja até vocês conseguirem, de fato o apartamento, se nesse processo você percebeu alguma dificuldade, algum ponto que você melhoraria nesse processo e se você indicaria esse tipo de conquista da casa para outras pessoas, desse jeito que foi para você, com as reuniões, com a participação lá dos arquitetos, se você indicaria para outra pessoa.

Margarida: Sim, com certeza, eu aprendi muita coisa, igual eu te falei eu não sabia nada em questão de ... dos projetos, por exemplo, né, eu... "O que que é um projeto para você" não sabia. A devido deles e eles ensinando, eles tinham paciência: "Olha, aqui funciona, como que você quer que faz a sua casa?" "Ah eu quero uma casa assim, assim, quero assado" Eu não sabia. "Não, as coisas tem que ter regra, tem que ter números" Então eles me explicaram algumas coisas, eu aprendi, então, eu colhi bastante coisa deles, dos meninos, eu tenho que admitir isso porque eu aprendi mesmo. Foi uma escola, assim, boa pra mim, porque eu aprendi, eu sei como fazer uma casa, não sei desenhar, mas se falar "Onde que é a sua porta?" "Onde, você quer uma porta aqui nesse quadrado?" Eu vou saber onde que eu quero um quarto, onde que eu quero um banheiro, onde que eu quero a minha entrada, para que lado eu quero a minha janela, entendeu? Eu aprendi bastante coisinhas com eles, e fiquei muito feliz.

Josiany: Legal. Mas algum ponto negativo que você identifica? Que ficou... alguma coisa que você teria mudado? Tem alguma coisa?

Margarida: Ah, o ponto negativo era os três quartos, porque eu queria três quartos. Seria três quartos, mas não teve e está ótimo assim. To super bem, um filho casou e agora um quarto ficou só para o moço, entendeu?

Giselle: Tá ótimo, esclareceu demais para a gente, foi muito rica a sua fala! Como que chama a sua filha mesmo, Margarida?

Margarida: É Marlive. Eu vou passar para ela e desculpa alguma coisa que eu não pude responder.

[Filha da Margarida, a Marlive, entra]

Giselle: A gente queria muito a sua perspectiva, assim, de filha, de uma pessoa que trabalhou tanto pela casa, foram muitos anos envolvida nessa luta, a luta das pessoas que queriam uma casa, queriam uma moradia e se envolveram nesse processo que, pelo menos, para a gente a gente considera um processo distinto, ele é muito diferente, disse que eu falei, que é a entrega da chave, só. E aí, a sua perspectiva não só como filha, mas como moradora também dessa unidade habitacional que foi fruto dessa luta coletiva. Como que você enxerga isso, quais os benefícios, o que você enxerga de negativo, também, dá uma palavrinha para a gente.

Marlive: Então, assim, desde de muito nova eu vi e acompanhei a minha mãe nos processos, nas reuniões que ela participava, muitas das vezes era noturno mesmo, a gente ia lá para as reuniões, então, assim, eu acompanhei a luta de se conseguir uma casa que era dela mesma né, de falar assim: "Essa casa é minha, eu posso fazer o que eu quiser". Porque a gente morava de favor na casa da minha tia, a gente não podia fazer nada naquela residência, então, eu pude ver a vitória dela, concretizada, de fato. Então, basicamente, isso, a minha visão como, como moradora, no caso, como eu era muito pequena, para mim era tudo muito divertido. Eu saía à noite para a reunião com ela e tal. E esse processo da construção eu também pude acompanhar, do prédio, então, a gente participava aqui quando era lote ainda. Então era muito bacana essa saída, poder acompanhar... eu lembro que eu participava das reuniões, lia algumas coisas do projeto. Então, assim, eles integravam todo mundo no processo e, como moradora mesmo, é saber que eu tenho um local, que eu não estou desamparada, então essa é minha perspectiva.

Giselle: Ótimo, porque é isso, a gente quer entender muito se os filhos, de alguma maneira, guardam essa memória do processo. Por exemplo, tem conjuntos que foram construídos no início dos anos 90 que os filhos eram pequeninhos e participavam do canteiro e aí guardam um pouco essa memória e é muito legal você expor isso, que você acompanhava no dia a dia... obviamente uma criança é diferente da perspectiva que sua mãe teve, que para ela era muito cansativo porque ela tinha o trabalho dela e ainda tinha que participar, mas muito bom você guardar essa memória do processo e hoje em dia está aí, é uma moradora e contribui, também, pro dia a dia do conjunto. Acho que se os meninos quiserem perguntar alguma coisa também... Para mim era mais isso de entender como você guardou essa memória da [inaudível]

Josiany: É, eu acho que era bem por aí mesmo... você sabe dos outros filhos? Como que é... se eles estão por aí...

Marlive: Então, mais ou menos da minha idade, alguns já casaram, saíram daqui, mas eu via também como um processo divertido para as crianças, sempre foi uma coisa divertida, então a gente brincava no canteiro, então sempre foi algo meio divertido mesmo. Eu acho que basicamente, assim, criança talvez vocês não encontrem outras pessoas da minha idade para falar muito assim. Porque agora eu vejo as pessoas que participavam da reunião tendo filhos, então são crianças ainda, não pegaram esse processo... da minha idade tem poucas pessoas aqui, atualmente, que frequentavam lá.

Giselle: Posso ser indiscreta e perguntar a sua idade?

Marlive: Eu tenho 24.

Giselle: 24. Então você tinha uns 12 anos, 10, 12 anos.

Marlive: É... uns 12 que eu tinha? [Pergunta direcionada a sua mãe], mais ou menos isso, mas assim, nas reuniões, ainda, antes! Eu era bem pequenininha, bem pequenininha mesmo. Minha mãe está falando que tinha que arrumar pessoas para tomar conta de mim para ela poder participar de algumas .

Giselle: Entendi, então você bem...

Marlive: Eu acho que eu comecei esse processo, eu acho que eu tinha uns sete talvez? Acompanhar nas reuniões. Era bem pequenininha tem foto... a gente participando de reunião e de confraternização que a gente participou...

Giselle: Não, ótimo! E essas fotos para gente vai ser muito importante!